

## **Clube de mágica e outros ofícios**

### **(Um conto de Natal)**

O branco da neve se instala nas folhas que vergam pesadas com o vento impiedoso na noite fria. Tudo é solidão na rua deserta, mesmo para os últimos bêbados que rastejam pelos becos escuros tentando encontrar um ponto para se lamentar além de torcer desesperadamente para o dia não tardar a nascer. Alguns cães se arriscam em seus latidos roucos. Seus corpos magros, desnutridos vagueiam aflitos em busca de um osso, ou restos de comida para lhes saciar, até outra alma caridosa acolher esses bichos indefesos. Eles não pensam, mas, felizes deles, apenas sentem. Se pensam, o remorso pode instalar-se em suas almas, podem se ver obrigados ao comprometimento. Melhor assim, sem compromissos, sem culpas a lhes corroer! Os bêbados também se isentam de culpas, pois preferem amaldiçoar os passantes em seus carros velozes quando vem a chuva esfriar ainda mais os seus corpos alquebrados com os pingos invasores vindos das poças.

Mas nem tudo é desolamento, solidão, ou busca desenfreada pelo sustento, pelo abrigo. Lá está ele, como faz sempre nesta época do ano. Chega dezembro, o menino fica feliz. Gosta do colorido branco da neve, das luzes enroladas em postes bem como das árvores meticulosamente preparadas para a ocasião festiva. Faz questão de ir até o bosque mais próximo, escolher aquela com melhor forma para sua finalidade, aquela com mais galhos para dependurar as bolas coloridas, as luzes piscantes. Faz isso com um carinho inexplicável. Todos à sua volta são incapazes de compreender, mas ninguém ousa dizer nada em contrário, nem os mais próximos que inclusive o ajudam na sua empreitada.

Ele chega a casa trazendo seu troféu, coloca-o a um canto da sala. Um dia se dedica à tarefa de embelezar o monumento o qual irá brilhar durante dias consecutivos até culminar com a deposição de presentes ao pé daquela árvore e até o dia quando, no mês seguinte, será desmontada, seus enfeites serão guardados em caixas escolhidas criteriosamente e depois armazenadas em segurança para o ano seguinte.

Para o menino não há presentes. Sempre fez questão de deixar isso claro. Ao contrário, compra presentes que ele mesmo embrulha, cuidadosamente, e os depõe ao pé da mesa. No dia indicado, pode entregar a cada um que vai à sua casa, cientes de que

ali terão o aconchego daquele menino aguardando pacientemente a todos. Entrega a eles as caixas embrulhadas em papéis coloridos e lhes beija a face com seus lábios vermelhos, com sua roupa vermelha, que faz questão de usar sempre.

Às outras crianças, um pouco mais de carinho, pois sente na própria pele o que não teve, nem pôde sentir. E, ao final da noite, depois de distribuir o último presente e beijar o último rosto, irá se recolher a seu quarto, no segundo pavimento daquela casa ampla. Talvez alguém lhe jogue um cobertor sobre o corpo enrijecido pelo frio das últimas horas, mas pode ser que isso não ocorra, pois estará sozinho, recolhido aos seus pensamentos, mas grato pela oportunidade de mais uma vez fazer o que mais lhe agrada. Serão momentos antecedendo o raiar do sol quando as outras crianças brincarão com seus cavalinhos imaginários, lutarão infantilmente as lutas entre cavaleiros medievais e heróis modernos. Os pais ficarão sentados nas portas das casas, olhando sorridentes, como se nada pudesse perturbar aqueles momentos impassíveis.

Porém, justo naquela noite, quando já havia se recolhido, ter estirado sua coberta sobre o corpo, pois sua mãe estava na sala entregue aos seus sonhos embalados pelo álcool, ele ouviu um bater de pedregulhos na sua janela. Não atendeu de imediato, julgando não ser com ele, mas a insistência do som o impediu de dormir. Levantou-se e foi ver o que era. Olhou para baixo e viu um rosto amigo de tempos passados, da última escola, a chamar para que descesse. Achou estranho, mas, decidido, desceu pelas escadas cuidadosamente polidas pela mãe.

Embora vivesse entregue ao seu vício, não se descuidava da limpeza da imensa casa. Fazia questão de manter tudo limpo, pois, segundo ela, não tinha certeza de quando seria a volta dele, mas passava a certeza para todo mundo de que alguém estava para chegar a qualquer momento. Sendo assim, deveria manter-se sempre alerta, para evitar surpresas, ser chamada a atenção por não ter cumprido com seus deveres mais simples. Dessa forma, estava sempre a arrumar tudo, preparar a comida, lavar a roupa e a louça e se dedicar a supervisionar as tarefas domésticas.

No entanto aquela senhora tinha os olhos perdidos no horizonte. Não era alguém tecendo copiosamente, na certeza do retorno de Ulisses. Parecia não ter a consciência do que fazia, simplesmente fazia.

O menino passou pela mãe estirada no sofá, o cheiro de álcool invadindo toda a sala, a árvore piscando ao fundo, já sem as caixas que lhe adornaram o pé durante os

últimos dias. Abriu a porta e uma lufada de vento preencheu o ambiente, como se quisesse refrescar os cérebros mais quentes, povoados de pensamentos indevidos, simplesmente soprar para longe, pois até o vento parecia entender o que se passava naquela casa. Estava bem agasalhado, já imaginando não ficar por ali. Sendo assim, passou pela porta, trancou-a, deu uma última olhada para a mãe, imaginou que ela não acordaria tão cedo, aliás, como sempre fazia.

Caminhou em direção ao amigo.

- Surpreso?

- Sim! É bom te ver. Passamos por bons momentos na escola.

- É, você tem razão. Bons momentos. Por isso, tô aqui. É bom te ver também.

- Tá tudo bem? Precisando de alguma coisa? Quer comer? Ainda tem comida da ceia. Nem todos vieram! Deve ser por causa do frio.

- Tá tudo bem. Veja você, continua com o mesmo hábito...

- Ainda pensam que sou meio pirado?

- Certamente. Todo mundo pensa, mas ninguém tem coragem de dizer. Querem se aproveitar da situação, nada dizer e se comportar como se tudo fosse a coisa mais normal do mundo. É isso! Não vejo nada de errado, é só diferente do que a gente vê por aí, mas vai entender *pra* onde este mundo tá indo...

- Você não veio até aqui só *pra* me dizer isso! Pelo que me lembro, mora bem longe e nem sei como veio parar aqui... Os seus pais, eles sabem de sua ausência de casa a essa hora?

- Não se importam, só não perturbar. Tem razão numa coisa, eu vim aqui por algo especial. Quero lhe mostrar uma coisa. Me chamou a atenção um dia desses. Venha comigo.

Não houve qualquer dúvida naquele menino que distribuía presentes e nem censurava a mãe bêbada atirada na sala enquanto tinha de se cobrir sozinho. Isso qualquer criança tem o direito de cobrar de quem o trouxe ao mundo.

Ele se dispôs a acompanhar o outro, pois, da mesma forma que abominava censuras, tinha a confiança em ninguém lhe fazer qualquer mal. E partiram os dois pelas ruas já desertas àquela hora.

O menino e o seu convidado, ou o contrário, pois o primeiro acompanhava o segundo pelas ruas frias, desertas daquela madrugada de Natal. Não se atribui importância a isso. Importa sim quem sejam, o que pretendem. O primeiro se chama Telônio, o segundo, Javier. O primeiro tem esse nome graças ao pai, um músico das estradas, tentando emplacar um sucesso aqui e ali, de modo que pudesse aquietar-se um pouco, quem sabe ter um lugar, com suas mesas bem-dispostas, sua decoração típica do Sul, com suas cores fortes por imagens exuberantes. Foi malsucedido na empreitada pelo que sabia o filho. Numa noite, quando voltava para casa, perdeu o controle de seu carro, vindo a bater numa árvore na beira da estrada. O carro ficou destruído. Pela cabeça daquele homem, correu um fio vermelho. Ali não havia mais vida.

Quando o menino se lembrava do pai, ele sorria, quase por instinto, quase por admiração, embora com uma ponta de tristeza por não poder mais desfrutar da companhia dele. No entanto ele julgava tudo ser assim mesmo. Todos têm seus estranhamentos, suas mazelas, seus acidentes de percurso. A do pai foi o inesperado que o aguardava na curva de uma rodovia deserta. A do menino, distribuir presentes numa noite de Natal, o que se repetia ano após ano.

Mas nem sempre se pode ficar apenas em busca de causas. Talvez elas não existam, talvez as pessoas sejam mais instinto do que razão. Dessa forma, o menino aliviava sua dor de saudade.

Quanto a Javier, ali a seu lado, Telônio começava a elaborar perguntas sem respostas. Agora, ao lado do amigo, vários questionamentos vinham à sua cabeça e, como teriam tempo, pelo menos ele assim julgava, acreditou que era o momento de esclarecer alguns pontos.

- Javier, por onde você andou antes de aparecer lá na escola? Nós nunca falamos sobre isso. Tínhamos tantas coisas *pra* fazer...

- E não foi bom assim? Horas na preparação do que a gente podia fazer para se divertir? Eu apareci para isso, para a diversão. Você era o mais estranho da sala, talvez de toda a escola. Ninguém se importava. Quando te vi, achei que era uma pessoa bacana. Todo mundo se preocupava com aparência, dizer o que podiam, se tinham mais que os outros, mas com você nunca foi assim. Sempre ali, na sua, com seus livros misturando aventura, outros com uns pensamentos estranhos que, eu confesso, nunca entendi direito. Com o passar do tempo vim a saber que você também gostava de

escrever algumas coisas, se interessava por pinturas. Isso contou muito. Nunca tive um amigo assim.

- Por quê? De onde vem são todos diferentes?

- Sim, são todos diferentes, cada um com as suas misérias tentando sobreviver. Existe luta até por um pedaço de pão. A gente não tem escolas bacanas. Mas um dia ele apareceu, me perguntou se eu tinha vontade de deixar tudo *pra* trás. Foi o que eu fiz.

- Ele quem?

- Não sei direito. Usava uma capa de chuva imensa, um chapéu cobrindo parte dos olhos. Mas eu percebi que ali havia um brilho diferente. Não tive dúvidas. Eu o segui e ele cuidou de mim até eu parar na sua cidade. É como se ele tivesse planejado tudo. Nós ficamos morando na casa dele. Sempre me deram muita atenção, não só ele, mas também uma moça bonita que também morava lá. Um tempo depois, vim a saber que ela tinha sido encontrada da mesma forma. Mas ela tinha uma doença grave. Os médicos não conseguiam curar. Um dia ela se foi. Ele ficou muito abalado. Sumiu por um bom tempo. Eu fiquei sozinho, só com uma senhora mais velha. Ela cuidava de tudo. Mas nunca dizia nada. Numa manhã, alguém veio com uma carta. Eu deveria ficar aos cuidados de um casal aqui na sua cidade até me tornar adulto e ter condições de me sustentar. Eu deveria ir à escola e ser o que eu quisesse. Nunca mais o vi desde então.

- Jamais poderia imaginar.

- Tem mais. Aos poucos vai tomando outros rumos. Recentemente descobri que aquela moça com sua doença incurável na verdade era filha dele. Com a sua morte é como se ele morresse também. Antes de partir, deixou instruções para ninguém ficar desamparado. Ele sempre cuidou de tudo.

- E a ocupação dele?

- Já me contaram várias histórias. Gosto muito de uma delas. Com aquela capa e aquele chapéu negro a disfarçar o rosto, era um mágico. Apresentava-se em teatros por todo o país. Alguns chegaram a dizer que não era apenas alguém mostrando truques. Para muitos, os mistérios. Na verdade, aquilo de fato acontecia.

- E *pra* você?

- Nem preciso responder.

Houve silêncio profundo entre os dois. Telônio teve calafrios, mas nada podia dizer, afinal de contas nunca tinha perguntado nada ao amigo. E não importando qual

versão daquelas pudesse ser verdadeira, deu de ombros, pois o que contava era o amigo ali do lado.

Telônio, subitamente, voltou seus olhos agora brilhando intensamente para uma pequena porta de vidro e, lá dentro, um movimento intenso chamou sua atenção.

- Veja, os padeiros são os primeiros a chegar. Precisam sustentar a todos com aqueles pães cheirosos. O que me diz de uma parada *pra* um café?

- A gente não pode atrasar. Não sei quanto tempo resta antes que ele se vá de uma vez por todas. Mas acho que dá *pra* tomar um café e comer alguma coisa...

- Quem vai partir e para onde, se é que eu posso saber?

- Você saberá. Tome seu café, coma seu pão. Esteja bem-preparado aí por dentro. Mágicas não acontecem todo dia.

Javier tinha um sorriso quase incontido no rosto, enquanto mastigava lentamente, mas, com precisão, o pão que lhe fora servido. Do outro lado do balcão, aquele homem com suas bochechas rosadas, seus braços imensos de tanto sovar a massa olhava atentamente os meninos. Com uma interrogação na cabeça, continuava seu trabalho. Afinal o que dois meninos como aqueles, bem agasalhados, bem nutridos faziam a uma hora daquelas numa noite tão especial para tanta gente?

Quando terminaram aquela primeira refeição, o céu começou a perder a sua luz de sombras e luzes ainda tímidas começaram a disputar espaço com a escuridão. Essa foi a visão dos dois quando passaram pela porta que se fechou atrás deles. A sensação de saciedade fez com que sorrissem com seus dentes brancos, ainda invadidos pelos pedaços mínimos de pão e pela cor negra do café quente apreciado em cada uma de suas gotas. Trocaram esses sorrisos e partiram em direção às novas luzes da manhã que indicavam a intenção de se avolumar muito para disputar espaço com o frio da madrugada, se refestelar nas extremidades das ruas, poder iluminar e aquecer os cães com seus pelos ralos castigados pelo inverno, deixar as meninas de pele branca e macia mais doces, mais rosadas, provocando uma gota de suor que rolaria copiosamente por uma das faces!

Os dois caminharam, agora com passos mais acelerados, como se não dispusessem de mais tanto tempo e temessem a perda do propósito. Finalmente chegaram a uma praça, uma dessas praças de cidade pequena do interior, com seu coreto ao centro, onde, eventualmente, se apresentam músicos com vocação para os

grandes palcos, mas que se resignam a confortar poucos corações em vez de multidões se acotovelando na tentativa de observar pelo melhor ângulo ou ouvir com precisão a nota mais perfeita.

Lá não havia um conjunto de músicos, nem uma plateia resignada. Havia apenas um homem, com seu instrumento de sopro, tocando para uma audiência invisível. Porém ele parecia não se importar, talvez estivesse tocando somente para si mesmo. Havia uma integração entre homem e instrumento. Eram apenas um. As notas se esvaíam no ar e o céu parecia se avermelhar ainda mais. Os dois meninos se aproximaram, plantaram-se ali bem em frente àquele homem. Após mais algumas notas, ele abriu os olhos e percebeu alguém a escutá-lo. Parou de tocar por alguns instantes e olhou fixamente para aqueles dois. Seu olhar indicava que era estranho estarem ali àquela hora, quando o dia ainda não se impusera, apenas fiapos de luz cobrindo o céu, tentando espantar a melancolia da noite. Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, Javier lhe disse:

- Por favor, continue!

Ele ficou por alguns instantes pensando naquelas palavras curtas. Elas representavam a sua própria vida. Deveria continuar o que sempre fizera, pois era a primeira vez que alguém pedia para não interromper. Cheio de confiança, posicionou novamente o instrumento, encheu o peito de ar e começou a enfileirar as notas numa melodia desconhecida para os dois meninos ali embaixo. E tocou com os olhos fechados, sem interromper nem sequer para ver se agradava aos meninos à sua frente. Tocou como se não houvesse um mundo ao seu redor, como se a vida fosse ser interrompida no momento seguinte. Parou num último sopro, numa última nota aguda ecoando pela manhã ainda fria.

Aplausos da plateia escassa foram ouvidos, mas não só essa manifestação se fez presente. Do rosto de Telônio, duas lágrimas rolaram e ele observou com a voz teimando em não sair:

- Era a música que eu sempre ouvia. Minha mãe dizia que era uma música de que ela gostava muito e gostaria que eu ouvisse sempre, que cada nota ficasse marcada dentro de mim. Depois dessa época, quando ainda me dava um pouco de atenção, ela mergulhou na bebida, deixando de ser a pessoa carinhosa de sempre. Nunca entendi

isso muito bem. Mas agora, a gente aqui e esse *cara* que eu não conheço me faz sentir as mesmas emoções. Quem é ele?

- A gente se aproxima e você fala com ele.

Os dois vão até a entrada do coreto, o músico desce as escadas até se encontrar com eles. Seu rosto também está iluminado, emocionado, provavelmente por ter sido aplaudido por aqueles meninos. Isso não acontecia há muito tempo. Traz um pequeno pacote, um embrulho de presente. Ele está orgulhoso daquele pacote. Aperta-o contra o peito como algo muito precioso que pode se desprender e quebrar ou ter autonomia, abandonar suas mãos. Quando se aproxima de Telônio, ele simplesmente lhe entrega, num gesto tão decidido como nunca se viu antes. Telônio sente orgulho de cada presente que ele entrega a cada uma das pessoas que vão à sua casa no Natal, mas aquele é diferente, é inesperado.

- Por quê?

O músico tem a voz arrastada. Ele gosta de se manifestar pelo instrumento. Não é muito dado a palavras, mas se esforça.

- Eu não sei, só sei que é seu. Abre e vê se gosta.

Telônio abre o pacote e olha para o amigo. Javier consente com a cabeça. Sim, ele deve fazer aquilo. Também não perde de vista quem está à sua frente, não quer se desvencilhar nem por um segundo daquele olhar penetrante. Tem a impressão de conhecê-lo, de conviver pelo menos em sonho ao longo de sua vida. Desenrola lentamente o papel cobrindo a pequena caixa como se temesse quebrar algo precioso. Já se esqueceu do que é receber alguma coisa neste dia. No entanto, ali está, diante de alguém, e mesmo julgando imaginar de quem se trata, é um estranho. Ao retirar a tampa, seus olhos brilham. Ali dentro está um pequeno relógio. Sua mente tem a certeza de já o ter visto, mas ele não se recorda onde. É um pequeno relógio de ouro insistindo em marcar a passagem do tempo.

Tudo é o tempo, o tempo da espera de alguém que um dia deixou de voltar. O tempo de sobriedade de sua mãe que deixou de existir, justo depois daquele tempo marcado pelo relógio, sem se preocupar com o que as pessoas pensam. Ele fecha os olhos em busca de um aconchego dentro de si mesmo, mas esse não existe, pois não pode abandonar aqueles dois à sua volta. Embora ele se feche em si, os outros dois



continuarão ali, a assombrá-lo talvez, a dizer que, mesmo tendo passado o tempo tão precioso, na verdade tudo fica. Só resta então agradecer. O músico divaga.

- Eu esperava por você há muito tempo. Todos os anos eu vim aqui e toquei durante toda a noite na expectativa de sua chegada. Sem conhecer o motivo, mas algo me dizia que eu deveria esperar, não desistir nunca, pois eu tinha de entregar a você esse pacote.

- Você comprou? Eu não conheço você. É um estranho.

- Eu encontrei um homem agonizando na beira de uma estrada. Aconteceu um acidente. Havia muitos instrumentos espalhados pelo chão e eu me encantei por este aqui, mas aquele homem me olhava de modo que não pude deixar de aproximar meus ouvidos *pra* tentar ouvir o que ele tinha *pra* falar. Ele me pediu que entregasse esse pacote a um menino. Ele me disse o lugar e quando seria, mas morreu antes de me dizer quem era. Eu fiquei ali sem saber o que fazer, com o pacote nas mãos e este instrumento. Quase por instinto saí dali levando tudo. Nem me passou pela cabeça que estivesse roubando alguém. Senti sim que isso me dava uma grande responsabilidade, mas sem saber qual. Aprendi a tocar e viajo todos os anos *pra* cá. Não sei por que me sentia na obrigação de satisfazer os desejos daquele homem, apenas sentia que deveria fazer e aqui estou.

Telônio olhou fixamente para aquele rosto em busca de um sinal, na tentativa de abrir uma luz, em sua memória, em sua mente. A história que acabara de ouvir podia até ser convincente para uma outra pessoa, mas não para ele. Achava tudo muito estranho e essa sensação de estranheza se voltou também para o amigo. Por que só agora ele foi trazido até ali? O amigo sempre lhe parecera um mistério. Isso agora também ficava bem claro. Nunca tinha dito nada a respeito daquele homem, fazendo esses shows, sabe-se lá para quem naquela praça deserta. A história do amigo só agora ele sabia. Por que só agora, já que eram unha e carne na escola que frequentavam? Por outro lado, era incapaz de esconder sua satisfação diante de tudo.

Desde a partida de seu pai nunca mais lhe deram um presente sequer. Assim tinha decidido ele mesmo presentear as pessoas. Estava ele sendo gratificado pelo seu trabalho? Duvidava dessas coisas. Apesar da pouca idade, era cético em relação a quase tudo, mas sentia um imenso prazer em tudo que fazia. Bom, talvez o melhor fosse deixar tudo de lado e simplesmente aproveitar aquele momento mágico de ganhar um

presente. Talvez fosse melhor não pensar nem no antes e nem no depois e se ocupar apenas do presente. Isso muito gente já lhe dizia, pois era uma forma de levar a vida. Olhou para o amigo com seu olhar interrogador.

- Como explica tudo isso?

- Recebi um bilhete há algum tempo com instruções para o que a gente tá fazendo aqui, hoje. Nada claro. Nem soube da identidade de quem o deixou.

- E você quer que eu acredite nisso, assim como nas suas outras histórias?

- Isso é com você. O que eu te disse é a verdade. Mas também não tenho como fazer com que você aceite tudo. Pode duvidar, ou, simplesmente, como diria o meu salvador, acreditar na mágica. Ela é bem mais interessante que a realidade.

- Então ele era um mágico, é isso?

- É no que eu acredito, já lhe disse, e mágicos falam essas coisas, nas entrelinhas, pois eles são os primeiros a acreditar no próprio truque. Este é o segredo: se não acreditam, quem vai acreditar?

Nada mais se disse. O músico fez menção de ir, afinal sua missão já estava cumprida. Telônio se despediu e ficou observando aquele homem se afastar. Ele colocou um chapéu que estava sobre uma pequena mureta próxima ao coreto, vestiu uma capa que também estava posta ali perto e se foi. Quando ele movimentou o chapéu por sobre a cabeça, o menino percebeu uma pequena mancha vermelha como se estivesse escorrido sangue da base do crânio pelo pescoço. Não deu maior importância àquilo. Podia ser apenas fruto de sua imaginação e se voltou para o amigo que o esperava com um sorriso enigmático.

- Vamos, acho que já viu quem esperava ver!

- Sim, é a capa que ele sempre usava. Mas ele não me reconheceu. Depois de um tempo longe, é difícil reconhecer até os mais próximos. Todos têm de aprender a conviver com essa frustração, é parte do jogo. Se fosse diferente perderia o encanto. Isso vale mais do que um simples relógio, os brinquedos que você distribui ou mesmo um gesto de carinho. E agora que ele se foi é que me recordo da mancha vermelha no pescoço.

Telônio corre os olhos pelo ambiente buscando explicações mais convincentes para ele, antes de fazerem o caminho de volta. Dirige-se novamente ao amigo.

- Tinha mais alguma coisa nesse bilhete?

- Claro, havia também um pedido de desculpas de alguém que não chegou em tempo, pois andava muito rápido e a estrada estava escorregadia por causa da neve. Uma curva inesperada, uma freada mais brusca, o controle vai por água abaixo e tudo se espalha pelo chão, enquanto o sangue escorre e a vida abandona o corpo.

- Você diz cada palavra como se estivesse presente no momento do acidente.

- Isso também eu aprendi com aquele que me salvou. Para ele a grande arte de quem quer ser um mágico é ser capaz de descrever com tanta precisão, principalmente com tanta imaginação que a plateia sai de sua própria realidade e acredita que o narrador está diante do que acontece.

- É o que me parece! Bem, é hora de voltar.

- É, tudo termina aqui.

Telônio estava desatento e não percebeu a melancolia na voz de Javier. Este, por sua vez, sabia que tudo seria assim, não podia acrescentar mais nada. Ele acreditava ter sido recompensado até além do merecimento.

E os dois se puseram no caminho de volta. Antes, porém, jogado ao chão, um pequeno pedaço de papel chamou a atenção de Telônio. Era, na verdade, uma caixa de fósforos, com os escritos aparentes: “Clube de mágica e outros ofícios”. Telônio recolheu a caixa rapidamente e a colocou no bolso, sem que Javier percebesse seu gesto. Orgulhoso de ter sido tão rápido a ponto de o amigo não perceber o feito.

Os dois puseram-se a caminhar. O dia já havia nascido, já estava claro o suficiente para que o sol brilhasse na neve e incomodasse os olhos daqueles dois jovens caminhando em silêncio.

Passaram pela mesma padaria agora já aberta com um entra e sai de pessoas levando pães sob os braços. Havia também aqueles que se sentavam nas mesas do lado de dentro para apreciar um café fumegante além de suprir seus estômagos como os dois fizeram antes. As mesas do lado de fora ainda estavam abandonadas àquela hora, recebendo esporadicamente a visita de uma folha trazida pelo vento.

Os dois se entreolharam. Num gesto de cumplicidade, dirigiram-se à entrada da padaria, foram até o balcão. Pediram pão na chapa. Também optaram por sentar-se em uma das mesas do lado de dentro, pois, apesar de terem passado a noite andando pelas ruas frias, preferiram, no momento, um pouco de trégua para os seus corpos doloridos, mesmo embaixo dos pesados agasalhos.

Comeram sem pressa, sabendo que seria das últimas vezes que se veriam. Não tinham a intenção de perder cada um daqueles momentos.

Assim como Javier aparecera inesperadamente, levando Telônio para um local também inesperado para viver algo sem a menor lógica para ele, sabia também que, quando chegassem à sua casa, Javier partiria, sem maiores explicações. Possivelmente inventaria uma história difícil de acreditar, como sempre fizera.

Depois do café demorado, partiram. Dessa vez não pararam mais até chegarem à casa de Telônio. A mãe já estava de pé, na varanda, com o olhar aflito, vagueando o horizonte, até ver os meninos. Seu coração desacelerou, seu suor deixou de ser tão insistente. Correu em direção a eles e os abraçou. Eles ficaram tentando entender o motivo daquele gesto. Se para Telônio era estranho, para Javier era algo não experimentado havia tempos. Assim, não perdeu a oportunidade. Abraçou-se afetosamente a ela, correspondendo com todo seu carinho. Depois, sem dizer uma palavra, a mãe de Telônio se ausentou da presença dos meninos e se voltou para suas ocupações, como se nada tivesse acontecido.

Telônio quis se desculpar com o amigo, mas foi impedido. Não era necessário dizer nada. Os dois se abraçaram fraternalmente. Javier se foi, assim como tinha aparecido, inesperadamente, sem que se pudesse dizer qualquer coisa a mais do que o necessário, do que não se deve dizer. Telônio ainda observou por alguns momentos o amigo que se ia ao longe. Em seguida, entrou em casa e se dirigiu ao seu quarto.

Tudo já estava organizado. Jogou-se sobre a cama, sem tirar as botas que o protegeram do frio da madrugada, sem fechar os olhos na tentativa de dormir mais um pouco. Num gesto decidido, retirou a caixa de fósforos do bolso, elevou-a para o alto e ficou meditando naquelas palavras que cobriam a superfície.

Havia um endereço minúsculo a um canto, o que ele só notou em razão de um raio de sol, embora as cortinas tentassem impedir. Aquilo chamou sua atenção. Tentou traduzir o que as letras miúdas diziam. Pegou uma caneta e um pedaço de papel. Escreveu o que ele foi capaz de ler. Havia pequenas lacunas, mas com um pouco de persistência, ele seria capaz de juntar as informações para saber de onde teria saído aquela caixa. Evidentemente, tratava-se de um clube ou algo parecido.

Até então ele nunca dera tanta importância a essas coisas de mágica, talvez até mesmo julgasse uma grande bobagem tudo aquilo. Mas alguém que distribui presentes

numa noite de Natal não é de todo insensível e pode acreditar nesse outro lado quando o mágico se sobrepõe ao racional e tudo pode acontecer.

No almoço, não comeu tanto como costumava fazer e sua mãe lhe chamou a atenção. Não deu tanta importância. Ele agora se perdia em outros pensamentos. Acreditava que uma narrativa inusitada poderia ser construída, partindo do que ele tinha em mãos: um amigo estranho, um músico excêntrico e uma caixa de fósforos que brilhava ao sol e trazia um endereço. E mesmo vivendo numa cidade tão pequena como aquela em que vivia, nunca ouvira falar daquela rua, nem daquele local.

E o dia de Natal transcorreu sem maiores surpresas, apenas uma criança ou outra, em busca de um presente esquecido ao pé da árvore. Telônio atendeu a todos pacientemente como sempre fizera, mas, pela primeira vez, parecia distante. Às vezes se pegava com os pensamentos fora daquela realidade à sua frente. Geralmente sorria ou, com menos frequência, fecha o cenho demonstrando estar um pouco triste, sem saber o que fazer. A mãe notava essa indiferença. No entanto, em nenhum momento disse uma palavra sequer. Talvez adivinhasse que havia algo escondido naquele olhar tão incomum a ele, sobretudo naquela ocasião.

O dia correu e, no seu final, a mãe, aproveitando a ocasião, já estava estirada no sofá como era seu costume. Assim, não pôde perceber, nem acompanhar os movimentos do filho que agora se vestia de maneira diferente, tentando se parecer com um adulto. A transformação se operava a olhos vistos, não mais havia ali uma criança indefesa, mas um jovem determinado, e decisão na voz grave, que fazia questão de acentuar, para parecer ainda mais velho do que de fato era. Ele poderia facilmente ser chamado de mestre dos disfarces, tamanha a operação ocorrida naqueles instantes. De pé, postou-se diante do espelho, mostrando toda sua imagem, agora transformada. E foi assim, mais uma vez passando pela mãe largada no sofá da sala, que ele deixou a casa, trancando-a cuidadosamente. Pôs-se a caminho para onde ele sabia.

As luzes nos postes se avolumavam quando o escuro da noite se instalava selvagemmente. Todos se recolhiam na expectativa de mais uma noite fria. Se nas casas as luzes das lareiras eram as presenças mais significativas, na rua, um par de olhos com brilho desejoso e passos firmes em direção ao desconhecido. Andou por ruas estranhas, por vielas, por becos, buscou tantas informações quantas julgou necessárias. Não

obteve nenhuma resposta satisfatória. Era como se aquele endereço simplesmente não existisse.

Mesmo um homem de bastante idade, do lado de fora de sua casa, inexplicavelmente com todo aquele frio, não foi capaz de lhe dizer muito, exceto que tudo aconteceria num passe de mágica. Segundo ele, no momento adequado, tudo se mostraria à sua frente.

Foi o que aconteceu quando Telônio, já desanimado, voltava de cabeça baixa para sua casa. Escondido, à sua direita, em uma rua sem saída, embora ele mesmo acreditasse que já tinha passado por ali antes, viu luzes piscando insistentemente e seu sorriso se abriu, pois eram as mesmas palavras da caixa, inscritas numa discreta tabuleta por sobre uma porta.

Correu para lá. Alguém o barrou na porta, dizendo que tinha de obedecer a certos rituais para entrar. Mas ele não tinha a menor ideia do que eram esses rituais. Ele tinha em mãos apenas a caixa de fósforos com o nome do local. Mostrou ao porteiro e este simplesmente se afastou, abrindo passagem. Todos, no corredor, no pequeno saguão que se avolumou, abriam caminho para Telônio.

Não se assustou ao ver no palco o seu amigo, nem mesmo estranhou a presença de uma figura esguia a se desenvolver com as mãos, com cartas de baralho, com cartolas, coelhos, a girar insistentemente sua imensa capa negra para delírio dos espectadores.

A plateia se entusiasmava cada vez mais com cada um dos números apresentados até que houve um silêncio geral quando ele, o mesmo personagem de ainda há pouco, entrou no palco e começou a executar a mesma melodia tanto ouvida no passado e ainda bem presente nos seus ouvidos. Seus olhos se cruzaram e o músico continuou de forma incisiva na execução da peça, sem tirar os olhos de Telônio.

Não sabia definir com precisão o que acontecia à sua frente, mesmo com todo seu desenvolvimento matemático do qual tanto se orgulhava, da sua racionalidade sempre presente em tudo.

Agora, percebia que seus sentimentos insistiam em se manifestar, que seus olhos poderiam se banhar em lágrimas, que a vontade de gritar e sair dali correndo ou se dirigir ao palco e abraçar a todos. Dizer que sabia da vida de cada um e se agarrar àquela figura ali com o saxofone e dizer que sentia muito por não estar com ele no momento

do acidente, para ser a testemunha de suas últimas palavras. Levar ele mesmo o pequeno relógio de ouro, ou dizer que o amava.

Preferiu fechar os olhos, imaginando que tudo desapareceria de sua frente. Não teria qualquer compromisso a não ser dizer que esteve ali e tudo ficaria acondicionado em sua memória.

Levantou-se, foi em direção à porta e todos no palco deixaram seus olhos se fecharem tristes de abandono, mesmo sabendo que assim deveria ser. Do lado de fora, num último aceno, Telônio olhou para trás e viu as luzes piscando até se apagarem e surgir uma longa rua que sempre estivera ali, dando lugar apenas a um momento mágico vivido por Telônio.

Caminhou vagorosamente, observando os mesmos cachorros sempre vistos em noites frias como aquela. Acariciou o focinho de um, passou a mão sobre as orelhas de outro. Eles não latiram, não rosnaram, apenas olharam aquele menino de olhos determinados. Ficaram a seu canto, como testemunhas que desconhecem os fatos, mas não ignoram os sentimentos.

Ele se foi. Perdeu-se por ruas diversas até chegar a sua casa onde sua mãe ainda dormia, abandonada no sofá. Ele se sentou, pôs a cabeça dela sobre suas pernas, recostou-se. Ficou ali até o dia amanhecer. Quando a mãe acordou, assustou-se em princípio, pois ele cochilava no sofá junto dela. Sem dizer qualquer palavra, foi-se ocupar de suas obrigações. Certamente ela o sabia. O menino sempre estaria ali e ela nada teria a temer.

FIM